

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM A MONSTRA – FESTIVAL DE ANIMAÇÃO DE LISBOA

7 de outubro de 2020

KRYSAŘ / 1986
(“O Flautista”)

Um filme de Jiří Barta

Realização e Direção Artística: Jiří Barta / *Argumento:* Kamil Pixa, baseado no livro homónimo de Viktor Dyk publicado em 1915 / *Música:* Michael Kocáb, com Jiří Stivín na flauta e Michal Pavlíček na guitarra / *Direção de Fotografia:* Vladimír Malík e Ivan Vít / *Montagem:* Helena Lebdušková / *Som:* Špalj / *Animação:* Alfons Mensdorff-Pouilly, Vlasta Pospíšilová, Xenie Vavrečková e Jan Zach / *Produção:* Rudolfg Gráf e Klára Stoklasová / *Gestão de Produção:* Jiří Janeček / *Assistência de Realização:* Milan Svatoš / *Vozes:* Oldřich Kaiser, Jiří Lábus, Michal Pavíček, Vilém Cok / *Cópia:* DCP, cores, diálogos numa língua inventada, com legendas eletrónicas em português / *Duração:* 52 minutos / *Estreia Mundial:* setembro de 1986, Checoslováquia / *Estreia Nacional:* fevereiro de 1987, Fantasporto – Festival Internacional de Cinema Fantástico do Porto / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O conto do *folk* alemão “O Flautista de Hamelin”, celebrenemente reescrito pelos irmãos Grimm, deu origem a múltiplas interpretações e readaptações ao longo dos tempos. No cinema, nenhuma ousou rivalizar com a proeza visual e cenográfica da autoria de um já experiente cineasta da animação, discípulo do influentíssimo Jiří Trnka, pioneiro da chamada animação fotograma a fotograma. Nas palavras de Fernando Galrito, trocadas para efeitos da redação desta Folha de Sala, Jiří Barta acabaria por se afirmar, nas suas curtas mas fundamentalmente por força desta longa-metragem, como um dos nomes fundamentais na história do desenvolvimento da animação de marionetas analógicas. Com uma geração a separá-los, Trnka e Barta representam o poderio da animação checa, decisiva para tornar os “filmes de bonecos” uma arte que se deve levar a sério e um espaço de experimentação com base em todo o tipo de materiais, que não apenas os desenhos.

O primeiro material é a realidade, isto é, o modo como estes cineastas entrelaçam a animação com a vida, a começar pelos elementos deste mundo, lançando mão ao maravilhoso universo dos objetos, em especial os brinquedos, para lhes dar movimento e livre arbítrio (muito, muito tempo antes de **Toy Story** [1995]) e procurando também conferir ao universo da animação uma concretude ou uma característica de organicidade que só podemos encontrar, por lapidar, na Natureza. Nesta adaptação de “O Flautista de Hamlein”, produzida no Estúdio de Animação com o nome de Jiří Trnka, o olho do espectador será imediatamente envolvido por uma sensação háptica poderosa proveniente sobretudo de um material, que já havia sido trabalhado por Barta nas suas curtas-metragens: a madeira. Inspirado pela pintura medieval, que tinha a madeira como suporte para uma arte pictórica que se confundia com a escultura, Barta invoca ainda a tradição, tanto pictórica quanto

cinematográfica, do Expressionismo Alemão com o fito de tirar partido desse elemento, convertendo a direção artística deste filme num industrioso trabalho artesanal. Daqui resulta uma sucessão de impressionantes quadros que convoca várias facetas das belas-artes de raiz germânica, gerando uma originalíssima cenografia ao serviço de uma apurada técnica fílmica – não é esse o poder maior do cinema, arte de animar capaz de invadir com vida o mundo estático das coisas, nomeadamente dos mitos e lendas que apenas conhecíamos, estáticas, em livros ou pinturas antigas? Barta não recorre ao *stop-motion*, e a esta sofisticada técnica de fusão de elementos naturais com fantoches e artefactos humanos, para “embelezar” o conto antigo ou tão-pouco para torná-lo uma história de embalar de digestão fácil. Um dos pontos mais fortes desta animação radica precisamente na sua violência: esta irrompe dos materiais – a dureza da matéria esculpida, a modelar cenários labirínticos, barrocos e retorcidos que parecem saídos de **Das Cabinet des Dr. Caligari** (1920) ou de um esboço de Antoni Gaudí – e de uma gama de cores singularmente escuras, com predomínio do cinzento e do castanho. À medida que Barta aprofunda o retrato da aldeia, dos seus habitantes e da dominante praga que os aflige – não é a dos ratos (verdadeiramente reais aqui!), mas a da ganância –, o conto vai ganhando contornos de uma história de terror – esta animação de costela surrealista, propícia a uns quantos arrepios na espinha, teria novos desenvolvimentos em curtas posteriores de Barta, tais como **Poslední lup/The Last Theft** (1987) e, um dos seus melhores filmes, **Klub odlozenych/The Club of Discarded Ones** (1989).

O modo como o herói se apresenta, figura enigmática de rosto escondido, servirá para adensar a nossa desconfiança em relação às suas verdadeiras intenções – será que podemos confiar na existência de um puro herói aqui? A verdade é que não sabemos que “força” (será o vento?) anima esta figura que vem livrar a aldeia de uma praga – desta feita, de ratos – para logo depois lhe lançar uma outra – em resposta à ganância de gente que não conhece o dito “quem tudo quer, tudo perde”. O suposto conto de encantar adquire foros de tragédia shakespeariana por força do tema do dinheiro – falo do montante prometido e não entregue pelo serviço tão prestimoso do flautista. Quase apetece citar o sinistro Shylock, do *Mercador de Veneza*, face ao sucedido neste filme e à morte bárbara da amada do flautista às mãos do grupo de facínoras que não pagou o que devia: “If you prick us, do we not bleed? If you tickle us, do we not laugh? If you poison us, do we not die? And if you wrong us, shall we not revenge?” É um pouco a isto que responde o flautista de Barta, uma espécie de “anjo vingador” incorrendo na solução mais violenta para desviar o destino daquela aldeia de um caminho de vícios. O desenlace reserva um fio de luz entre as trevas, isto é, a possibilidade de que a passagem do flautista venha a servir a educação de uma nova geração, para que os erros desta comunidade consumida pela ganância não mais façam lei nesta terra. É duro o caminho da salvação – Barta não anima estas imagens para aligeirar esse caminho, bem pelo contrário.

Luís Mendonça